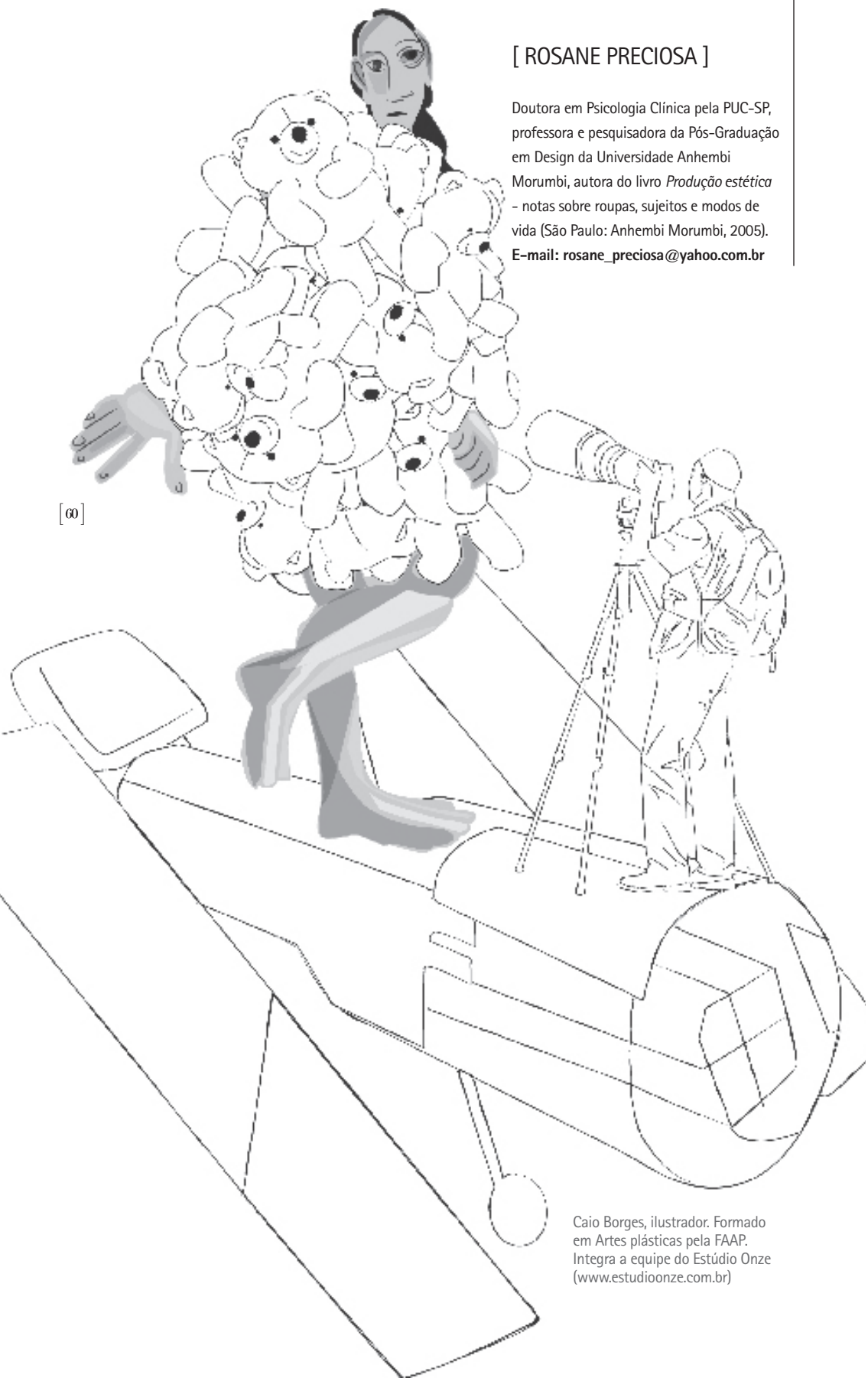


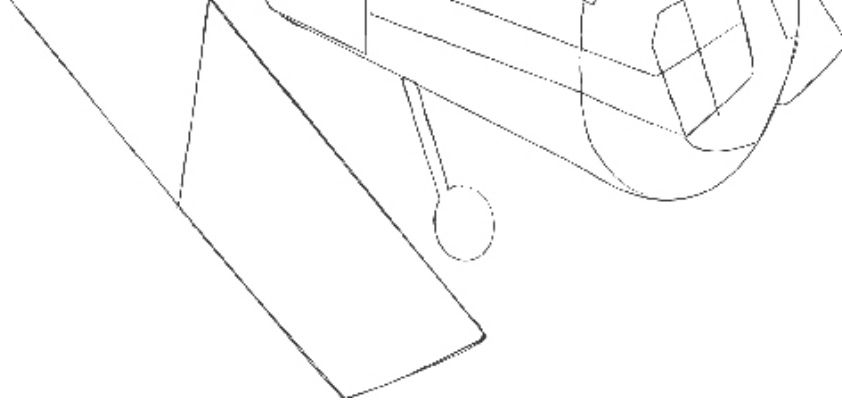
moda na filosofia

[ROSANE PRECIOSA]

Doutora em Psicologia Clínica pela PUC-SP, professora e pesquisadora da Pós-Graduação em Design da Universidade Anhembi Morumbi, autora do livro *Produção estética - notas sobre roupas, sujeitos e modos de vida* (São Paulo: Anhembi Morumbi, 2005).
E-mail: rosane_preciosa@yahoo.com.br



Caio Borges, ilustrador. Formado em Artes plásticas pela FAAP. Integra a equipe do Estúdio Onze (www.estudioonze.com.br)



Estou lendo, bem devagar, um pequeno e denso livro de Jorge de Albuquerque Vieira. Ele não me conhece pessoalmente, mas já cruzei com ele algumas vezes pela PUC. Sei que dá aulas na graduação do curso de Comunicação e Artes do Corpo, mas nunca assisti a nenhuma aula sua, apesar do entusiasmo com que ouço falar de suas aulas. O livro em questão se chama *Teoria do conhecimento e arte*, possui um subtítulo bem grande: *Formas de conhecimento – arte e ciência, uma visão a partir da complexidade*.

Fui direto num capítulo que se intitula "Caos e ordem nas artes contemporâneas". Ao falar sobre a diferença entre o cientista e o artista, o autor menciona algo que me interessou bastante. Segundo ele, o "compromisso do cientista (...) é tentar uma aproximação do real". O cientista é aquele que constrói vias de acesso intelectuais para conhecer esse real. No entanto, para Jorge, o artista tem uma bossa a mais (a bossa fica por minha conta): "O artista pode tentar representações várias e estudar possibilidades do real". Mais abaixo, ele dirá que a arte produz conhecimento, produz "possibilidades cognitivas". E aí acontece uma coisa estranha, que esse texto ecoa: acreditamos na ciência como aquela que produz um capital de saber, mas não que a arte seja capaz disso. Enfim, a ciência produz conhecimento, mas a arte não, porque é coisa de *borderline*, de *porra-louca*. Lembrei-me de Haroldo de Campos rebatendo com veemência a etiqueta de *porra-louca* que o Hélio Oiticica carregava. Um dos motivos do mal-entendido me parece ser o fato de que Hélio traía a erudição com o popular e vice-versa. Misturava os campos, mas com absoluto rigor.

A gente sabe que já faz tempo que o pensamento positivista, linear, simples, não cola mais, mas na hora H todo mundo vai dizer que é impossível abordar alguma questão teórica com uma linguagem mais poética, porque a ela faltaria uma objetividade, uma ordem, uma coerência metodológica. Você já deve ter ouvido isso! Acontece que "sistemas vivos como nós são acima de tudo organizados, não necessariamente ordenados". E é lindo quando o Jorge menciona o telescópio Hubble revelando a "selvageria" do que acontece no Universo, palavra minha para traduzir a atmosfera de perturbação cósmica.

Mas, prosseguindo na leitura do seu livro: "Todo sistema artístico é (...) um sistema aberto". Realiza trocas com o meio ambiente. E se esse ambiente é complexo, ele exige de nós coisas extremamente elaboradas. Vocês já perceberam que ao usar "nós", no lugar de "artistas", eu me distancio do texto do Jorge e vou me apropriar dele de outro jeito.

Uma coisa ficou martelando na minha cabeça: o artista como alguém que produz *possibilidades do real, possibilidades cognitivas*. Talvez fosse interessante pensar em procedimentos artísticos cujas proposições abraçam o outro e o convidam a *despen-car do normal* (isso é uma interferência do poeta Manoel de Barros). E, ao realizar isso, introduzem vida na veia de todos nós, convocam uma vivência estética, nos salvam do estado de catatonia sensível. Não sei se é o caso de ficar listando nomes de artistas, cuja poética realiza o que disse. Já chega de top ten. Há sempre gente de prontidão para nos dizer o que serve e o que não serve para nós. Um sujeito e seu corpo, estranha frase essa, porque o sujeito é seu corpo, mas, vamos lá, precisa ele mesmo sentir, diante de uma experiência estética, aquilo que libera espaço nele e o que o trancafia, o faz murchar. Mas dificilmente se sabe isso de antemão. Não se entra em alguma coisa sem sair tingido de alguma cor, de uma potência qualquer.

Moda como experiência artística

Moda não é arte, viu! Eu não vou polemizar com essa peremptória afirmativa, quase uma reprovação, que já ouvi da boca de muita gente, que nunca me explicou direito por que não. Se a moda é filha diletta da Revolução Industrial, ela produz peças em série para serem introduzidas no mercado, dirão. Além de tudo, depende da publicidade para fazê-la vender. E arte não? Pense em termos atuais. Que crítica de arte é essa desinteressada que circula entre nós, que não faz esse papel de "atravessador" da obra de arte. Existe uma espécie de "Nasdaq" artística. Nela, artistas sobem ou descem de cotação o tempo todo. Aliás, essa lógica "Nasdaq" já há muito vem contaminando não só as redes artísticas, mas até mesmo as sociais.

Bem, eu quero entender a moda, para além de sua função máquina mercadológica, como portadora de uma linguagem complexa, que opera descobertas em termos de formas, volumes, cores, que atuam sobre um corpo, redesenhando sua subjetividade. E o mais importante: essas descobertas são capazes de amplificar nosso repertório imagético-existencial, no sentido de aquisição de "outras possibilidades cognitivas".

Sei que é preciso explorar mais isso, mas agora é necessário historicizar, um pouquinho que seja, essa parceria entre arte e moda, que já data de longo tempo. Abra qualquer livro de história da moda e você verá que essa colaboração está lá pontuada. Vê-se relacionado um sem-número de criadores enredados com a arte. Em algumas versões de entendimento dessa cumplicidade, a aproximação teria se dado, e ainda se dá, em função do prestígio que a arte, e seu círculo elitista, pode emprestar ao designer de moda. Jacques Doucet pode ser um exemplo: preferia ser chamado de "coleccionador" a "couturier". Mas ele de fato era um importante colecionador de arte do século XVIII, que não hesitava em vendê-la para adquirir obras de seu tempo. A mais importante delas, *Les Demoiselles d'Avignon*, de Picasso. Parece que ele optou por ouvir seu tempo (Valérie de Givry).

A moda se apropria de alguns procedimentos estéticos da arte, e é possível identificá-los: o que dizer do efeito da acumulação, encontrado em Paco Rabanne (refiro-me a uma coleção em que garrafas d'água de plástico criam uma túnica) e em Jean-Charles de Castelbajac, e seu casaco múlti "Teddy Bear". Ou mesmo da apropriação de objetos cotidianos já descartados por Margiela. Ou ainda da experiência de Rei Kawakubo de cortar-colar intuitivamente pedaços de tecido colorido e reunir esses pedaços, que acabam por resultar em peças de roupa (Valérie de Givry).

A moda também transita por esse ambiente complexo, a que se refere Jorge Albuquerque, em que a ciência, a arte e a filosofia trafegam, conforme ele aponta, e por isso mesmo tem que estar à altura das conversas que se travam em seu tempo, dos poderes e contra-poderes que nele estão presentes. É o mínimo que se espera!

Por que alguém escolhe ser designer de moda? Acredito eu que seja para levar com a maior radicalidade possível experimentos que já se iniciaram muito antes dele. Mas não creio que exista uma consciência aguda sobre isso, até porque as estratégias mercadológicas, em suas diversas modalidades, ganham muito espaço a cada dia que passa e sufocam tudo.

Você já reparou que, quando se entrevista um poeta, uma das primeiras coisas que lhe perguntam é: com que poetas você dialoga? Ou seja, que autores você frequenta? Por aqui, em geral as perguntas dirigidas a um designer de moda versam quase sempre sobre a "força" de identidade da marca, sobre o espaço-loja, com cara de galeria, para garantir o "prazer estético da compra", e sobre sua espetacular capacidade de criar, além de roupas, linhas de cama, mesa, banho, eletrodomésticos e *band-aids*.

Se tudo isso que lhe disse pareceu confuso, embaralhado, está mesmo. Na minha cabeça, na sua, talvez na de outros também. Não é simples buscar entender o que se passa à nossa volta: é preciso cavoucar os discursos.

Termino, citando a designer francesa Agnès B., assim mesmo sem sobrenome em destaque, apesar de ser curioso seu sobrenome, quando o vertemos para nossa língua: trouble. Agnès Trouble! Agnès encrenca, e sua doce militância: o de refazer peças de coleções anteriores, basta alguém lhe pedir. Mas não só, fico sabendo que ela faz roupas para grávidas, bebês e adolescentes. Curioso "público-alvo", não é mesmo?

REFERÊNCIAS

VIEIRA, Jorge Albuquerque. Teoria do conhecimento e arte. Formas de conhecimento - arte e ciência, uma visão a partir da complexidade. Edições Leo, Fortaleza, 2006.

GIVRY, Valérie de. Art & Mode - l'Inspiration artistique des créateurs de mode. Paris: Éditions du Regard, Paris: 1998.